



Analisando *Operação Massacre*, de Rodolfo Walsh

Mirela Bansi Machado*

A política argentina sempre foi turbulenta. Desde 1955, o país sofreu com quatro golpes de Estado que marcaram sua história com violência. Muitas pessoas desapareceram, foram assassinadas, sequestradas, perderam suas famílias. Neste trabalho, será abordado o livro “Operação Massacre” – publicado em 1957, por Rodolfo Walsh, jornalista argentino – que se situa no golpe da “Revolução Libertadora” (1955-1958). O escritor conta a história de um fuzilamento específico que aconteceu em 1956, numa noite em que o general Valle planejava um motim contra o governo, querendo a volta do presidente derrubado pelo golpe, Juan Domingo Perón.

Essa pesquisa pretende entender o contexto histórico em que se encontra o massacre, como o escritor é influenciado a escrever essa história e como ela desperta o interesse do leitor. Como essa narrativa influenciou na vida de Walsh e qual é a importância dessa denúncia para a História. Como Walsh utiliza de uma narrativa jornalística investigativa para fazer uma denúncia? Por que ele sai em busca de uma “verdade”?

A denúncia de um fuzilamento é muito importante para população que vive a opressão de uma ditadura e para outras gerações, para que não se esqueçam e não cometam os meus erros, para que não se calem. A resistência é essencial para que não nos deixemos levar por uma autoridade que não fale também pelas minorias. Essa é a relevância desse estudo: levar ao leitor uma análise sobre a denúncia e a resistência. Mesmo que o livro, na época em que foi lançado, não tenha sido noticiado em nenhum jornal, apenas mais tarde, nas outras edições, atualmente ele é considerado um grande exemplo de narrativa de testemunho, de jornalismo investigativo e do chamado *new journalism*.

A pesquisa pretende fundamentar sobre o gênero literário da obra e a produção literária de Walsh, aborda alguns apêndices do livro que comentam sobre a vida política do autor, explica a narrativa jornalística em comparação com a historiográfica e faz uma pequena descrição do que foi o fuzilamento. Segue o intuito de localizar o leitor no contexto histórico da “Revolução Libertadora” e fazer uma pequena biografia de Walsh para compreender a construção de uma ideologia política com base nas suas experiências durante e após a investigação do massacre.

Jornalismo literário e investigativo

Rodolfo Walsh tinha 29 anos em 1956 quando soube de um massacre na Província de Buenos Aires que o instigou a escrever, na época, um tipo de narrativa que nunca havia escrito antes. O livro *Operação Massacre* foi publicado um ano depois, em 1957, como relato de um fuzilamento em José León Suárez, sob o governo da chamada “Revolução Libertadora” imposto em 1955, depois da derrubada do governo de Perón.

A obra foi fundamental para o processo de transformação ideológica do escritor, uma vez que as investigações para a escrita do livro o fizeram modificar sua perspectiva política. O trabalho procura compreender a construção de uma escrita que foi tanto uma denúncia sobre os massacres ocorridos durante a chamada “Revolução Libertadora”, quanto uma prática social que marcou uma virada no processo de construção da identidade política do autor. Alguns jornalistas e escritores, como Inácio França e André Czarnobai, consideram que o autor criou um novo gênero de escrita, antecipando o *new journalism*, que faria sucesso apenas nos anos 1960 nos Estados Unidos, que tem como principais expoentes Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer e Truman Capote.

A obra pertence a um gênero literário híbrido, uma junção de literatura com jornalismo, algo que rompe limites e se constrói algo novo. É um romance de testemunho, é uma investigação policial, um testemunho histórico. Tudo isso junto pode definir a obra. Não apenas um desses, mas todos. A narrativa não só é cativante para o leitor, ela também foi inspiradora para o escritor, pois ajudou na construção de uma identidade política. Um jornalista que chegou a pensar que a “Revolução Libertadora”

poderia ser um bom governo, já que não gostava do peronismo, morreu como *montonero*, batendo de frente com uma das tantas ditaduras que ele viveu, sentindo-se esgotado e capaz de arriscar sua vida para ser ouvido.

Ao investigar e escrever sobre o massacre, o autor iniciou um processo de sua própria consciência histórica, que posteriormente mudou seu posicionamento político e sua trajetória na Argentina. Ele utiliza o caráter da literatura como prática social. Para isso, considera-se literatura enquanto “objeto privilegiado para alcançar mudanças não apenas registradas pela literatura, mas, principalmente, mudanças que se transformam em literatura, pois, mais do que dar um testemunho, ela revelará momentos de tensão” (VIEIRA, 1995, p.21). Ela está carregada de questionamentos, propostas, críticas, resistências. Expressa relações sociais, modela formas de agir e pensar.

É indispensável dizer que Walsh tem uma trajetória muito expressiva na literatura argentina. Todos os escritores argentinos que quiseram escrever sobre a violência política argentina tiveram que se deparar com Rodolfo Walsh. Exemplos desses escritores entre os anos 1970 e 1980 são: Ricardo Piglia, Osvaldo Lamborghini, Hector Libertella e Néstor Perlongher.

Durante boa parte do século XX, os romancistas dos Estados Unidos e Europa estavam muito comprometidos com o princípio da realidade. O romancista deveria utilizar-se de personagens, ambientes e acontecimentos plausíveis, que pudessem ser reais. Sendo assim, a diferença entre o realismo e a realidade estaria, por exemplo, na passagem do tempo (GAY, 2010, p.14). Na ficção, o tempo dá saltos, passam-se anos em apenas uma página ou até duas linhas. O romancista pode cortar o mundo e o espaço de tempo em pedaços e depois ir montando-os novamente. De acordo com Peter Gay, “o mundo que o romancista realista cria é o mesmo do historiador, apenas alcançado por seus próprios caminhos”, levando em conta sempre de que não existe isso que se chama “verdade” – todos os textos, mesmo os históricos, estão propensos a várias interpretações.

O chamado *new journalism*, movimento norte-americano da década de 1960, foi praticado anos antes por Walsh em *Operação Massacre*, onde já se combinava a

narrativa jornalística com a literária (SOUZA, 2012). Após Walsh, Truman Capote, Norman Mailer, Tom Wolfe, Joan Didion, Jimmy Breslin e Gay Talese obtiveram um grande sucesso de público com esse gênero em revistas e jornais. Esse “novo jornalismo” serviria para revolucionar um jornalismo estereotipado e incapaz de lidar com a pluralidade dos acontecimentos contemporâneos, ele seria o oposto ao jornalismo tradicional, mais objetivo, podendo até introduzir ficção para deixar o acontecimento mais dramático. Souza Júnior considera que o “novo jornalismo”, jornalismo literário e literatura de não-ficção são diferentes denominações para se tratar do mesmo gênero.

Walsh inicia sua trajetória de escritor político em 1957, com a publicação do livro e termina em 1977, com a “Carta aberta à Junta Militar”. Ele escreve este texto em denúncia da ilegalidade daquela ditadura e manda para vários jornais locais e estrangeiros. No dia seguinte ele foi sequestrado e passou a fazer parte da longa lista de desaparecidos.

O escritor teve uma filha, Maria Victoria, que foi guerrilheira *montonera* e morreu em combate. Seu pai, quando soube do acontecido, escreveu a *Carta a Vicki*, em homenagem a ela. Foi escrita em março de 1976 e a maior parte dela é caracterizada por uma tendência à literalização e fragmentação (MALLOY, 2012). Essa carta é importante para entender o quanto a militância do escritor influenciou a filha e que essa vontade de lutar contra a política imposta surgiu depois da sua pesquisa para escrever *Operação Massacre*.

Em *Operação Massacre*, o leitor que lê a narrativa dramática sente necessidade de saber o destino dos sobreviventes e se os culpados serão punidos, acreditando no escritor. O papel do historiador entra para criticar e argumentar contra a imposição de “fatos” que o escritor coloca, sabendo que a narrativa vai além de descobrir uma “verdade”; ela é importante para o questionamento de um governo arbitrário, que utilizou de um poder opressor para punir inocentes e para a análise de uma investigação.

O jornalismo investigativo é responsável pela busca de uma verdade oculta, que está sendo escondida do público, através de uma investigação com informações de difícil acesso conseguidas pelo jornalista. Ele faz uma denúncia que causa indignação

moral em uma narrativa que explora um vilão e uma vítima. É o tipo de coisa que mexe com grandes interesses, com corporações poderosas, com crime organizado, com policiais corruptos. A investigação jornalística tende a se misturar com uma atividade muito mais próxima do trabalho policial do que, propriamente, do jornalismo. Existe a infiltração em lugares proibidos, enfrentamento dos perigos. São utilizadas fontes diversas, documentais ou pessoais. O jornalista precisa fazer uma pesquisa minuciosa, insistir naquela investigação, ter um conhecimento policial básico, ser curioso e desconfiado, ter discrição e objetividade (FORTES, 2005, p.17). Walsh se utiliza de todos esses conceitos jornalísticos para começar sua investigação, a partir daquela denúncia do bar, que provocou sua curiosidade, até correr o perigo na clandestinidade em meio a um governo autoritário, carregando uma arma, à procura das vítimas e de pessoas envolvidas.

Faz parte do jornalismo investigativo apresentar um narrador que sabe de todo o crime, que o descreve como se estivesse lá, só utilizando de fontes como testemunhos e outras pesquisas de campo. O jornalista busca as fontes primárias, documentos e provas do caso a ser investigado a partir de uma denúncia. Walsh, fazendo o papel de jornalista investigativo, narra sua história em primeira pessoa, como se fosse testemunha ocular do massacre. Os diálogos são formados como se ele tivesse gravado cada conversa no tempo presente do fuzilamento. Essa narrativa, dessa forma, torna-se mais real, como se estivesse conduzindo o leitor a acreditar que aquele massacre realmente existiu e que todas aquelas pessoas passaram por exatamente aquelas condições descritas com tantos detalhes.

Walsh peronista

O que se pode criticar em *Operação Massacre* é que Walsh poderia ter explicado os acontecimentos narrados num contexto mais amplo, falado sobre a dificuldade em que o populismo se encontrava na década de 50, sobre as transformações mais fundamentais que proclamava necessário introduzir na estrutura econômica que implicava sacrifícios que o governo não podia impor a não ser que se transformasse

numa ditadura, e essa política neoconservadora praticada na economia no início dos anos 50 provocou ruptura dos grupos que o apoiavam, que juntos com a oficialidade do exército e setores fascistas, provocavam sua derrocada em setembro de 55. Também teria que falar da repressão de Aramburu sobre o peronismo, sobre a classe trabalhadora, privilegiando latifundiários e o setor agropastoril, falar de um país dependente das exportações, estagnado numa política liberal-conservadora. Ele teria que ter contextualizado tudo como um historiador, mas preferiu fazer uma narrativa jornalística. Ele não contextualizou o massacre no momento histórico político. Não estou apontando essa crítica diretamente ao Walsh, mas à narrativa da escrita do jornalismo investigativo, que é caracterizada por essa pouca importância dada à narrativa historiográfica. Essa talvez fosse a grande diferença entre a narrativa jornalística e a historiográfica: a preocupação dos historiadores em construir uma análise explicativa sobre os processos históricos. O historiador não se limita ao fato, mas amplia sua análise para as condições de sua ocorrência em certo momento, em um dado lugar.

A impressão que o livro passa é que quando o autor foi relatar este acontecimento, não se importava com a história política do seu país, por isso não se importava em explicá-la. Essa preocupação só vai surgir na década de 70, depois de ter sido militante peronista e viver na clandestinidade. Isso aparece no seu primeiro epílogo, quando diz “uma de minhas preocupações em descobrir e relatar tal matança quando seus autores ainda estavam no poder foi mantê-la apartada, tanto quanto possível, de outros fuzilamentos. (...) Este método me obrigou a renunciar à contextualização histórica em favor do caso particular” (WALSH, 2010, p.171). Por isso Walsh quase não fala sobre a revolução de Valle, que envolvia a morte de militares. Apresentando esse caso em particular, ele esperava obter alguma justificativa ou perdão do governo à população, principalmente às famílias das vítimas.

Segundo sua biografia no livro, ele entrou para a militância de esquerda em 1971 e, em 1973, entrou para a organização *Montoneros*, depois de deixar as Forças Armadas Peronistas¹. No primeiro momento em que ele escreve *Operação Massacre*, ainda não

está interessado em nenhuma ideologia política, apenas em fazer uma denúncia à máquina de poder. Ele ainda não era peronista e nem tinha intenção em ser. Ele confessa que, assim como tantos outros, havia acreditado e apoiado em 1955 a “Revolução Libertadora”, pois abrigava “a certeza de que acabava de ser derrubado um sistema que espoliava as liberdades civis, que negava o direito de expressão, que estimulava a subserviência, por um lado, e o abuso, por outro” (WALSH, 2010, p.236), mas depois afirma que não era mais partidário da revolução que já desacreditara ser libertadora.

Passaram-se dez anos entre a escrita do livro e a aproximação com o peronismo. Entre esse período, Walsh viaja a Cuba para participar da *Prensa Latina*, criada por Che Guevara logo após a Revolução Cubana. Ele participa de investigações dos Serviços Especiais do Departamento de Informação e pratica criptografia – ele desvenda um telegrama americano que pretendia ser comercial, mas continha detalhes sobre a invasão da Baía dos Porcos, ocorrida em 17 de abril de 1961, que fracassou graças ao trabalho de Walsh. Sua volta a Cuba em 1967, convidado pela Casa das Américas, e a morte de Che Guevara na Bolívia foram fatores que contribuíram para a sua aproximação com a militância peronista.

Em junho de 1956, fazia nove meses que Perón havia sido deposto pela “Revolução Libertadora”. Alguns peronistas resolveram fazer a primeira grande tentativa de tomar o poder numa revolta que ficou conhecida como revolução de Valle. Aramburu e Rojas, presidente e ex-presidente, tinham informações da conspiração, foi então que o primeiro deixou decretada a Lei Marcial e de pena de morte. O sinal da resistência se daria às 23 horas do dia 9 de junho pelo rádio, mas nunca chegou a acontecer. Mais de dez homens foram levados de uma casa em Florida neste dia enquanto escutavam uma luta de boxe no rádio. Foram rapidamente interrogados na delegacia e condenados a fuzilamento. Walsh não tem certeza de quantas pessoas estavam na casa, mas o massacre deixou pelo menos cinco mortos, um ferido grave e seis sobreviventes.

A ditadura que derrubou o governo de Perón e se manteve entre 16 de setembro de 1955 até 1º de maio de 1958 não foi conduzida por governantes com ideias homogêneas: a ala militar se dividia entre nacionalista católica e liberal. A primeira, pretendia negociar com o movimento peronista e manter parte das conquistas sociais de Perón. A segunda acreditava num antiperonismo radical, que pretendia extinguir o peronismo da vida política e sindical, abolir as medidas sociais conquistadas por Perón e estabelecer uma economia conservadora. Entre o período de 1955 e 1958, o movimento peronista não obteve sucesso nas suas revoltas. Os militares lutavam contra os peronistas no meio das ruas em uma situação de verdadeira guerra civil. Várias pessoas morreram e desapareceram devido a essa guerra, pessoas que ao menos eram peronistas. As fontes utilizadas permitem entender como a ditadura afetou uma classe trabalhadora que dependia dos programas sociais do governo. O fuzilamento que se tornou público e famoso pelo livro mostra apenas um pouco do que os militares foram capazes de fazer.

Conclusão

O livro foi o primeiro de uma das grandes influências por ter despertado o senso político revolucionário de Walsh, se encontra dentro da melhor tradição literária argentina de obras híbridas. É uma obra que não se pode classificar; não é uma crônica policial, não é um romance negro, não é um panfleto ideológico, não é um roteiro de um filme. A fusão de literatura e jornalismo rompe limites de gênero, gerando algo novo. O trabalho de Walsh foi uma afronta ao que era considerado “imprensa séria”, levando a liberdade de imprensa a limites que faziam sua vida correr perigo. A investigação de *Operação Massacre* foi o passo de uma inovadora forma de ação política, abrangendo o jornalismo investigativo, denúncia política, a testemunha, a análise, a história e o relato literário.

Esse trabalho permitiu discutir um contexto histórico de ditadura civil-militar que depôs o presidente Juan Perón, abordando a vida do escritor da obra que é o objeto da pesquisa. Walsh tem uma história muito instigante e curiosa, que influencia o leitor a



pensar além do tema de ditadura. Permitiu o reconhecimento da relevância dos movimentos sociais peronistas para uma resistência. A Argentina sofreu muitos golpes de Estado ao longo dos anos e ergueu muitos grupos de resistência, que foram importantes para acolher as minorias e lutar pelas injustiças. O caso do fuzilamento de José León Suárez foi apenas um entre muitos eventos violentos, mas que mostra claramente a negligência de uma sociedade que colabora com um golpe e não faz questão de amparar as vítimas e cooperar com os direitos civis. Que a ânsia de lutar permaneça viva enquanto houver injustiças.

Referências bibliográficas:

ADOUE, Silvia Beatriz. Walsh - El criptógrafo. Buenos Aires: Dialektk Editora, El Colectivo, 2011. Resenha de: FIRMIANO, Frederico Daia. Operação Walsh. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 134, p. 177-180, 2012.

ARAÚJO, Luís C. Eblak de. Jornalismo Investigativo: dos muckrakers aos anos pós-Watergate. In: *III Encontro nacional de pesquisadores em jornalismo*, 2005, Florianópolis – SC.

CAPARELLI, Sérgio. Reportagem a descoberto. *R. Bibliotecon. & Comun.*, Porto Alegre, 4:53 - 65 jan./dez., 1989

CORREIA, Eduardo Luiz. O jornalismo investigativo sob a ótica do conto policial. *12º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*. Santa Cruz do Sul, UNISC, Novembro/2014.

CZARNOBAI, André F. P. Gonzo. *O filho bastardo do new journalism*. Porto Alegre, mar/2003.

DOMÍNGUEZ, Fabián. *El caso Rodolfo Walsh: un clandestino*. El periodismo argentino y su aporte a la identidad nacional, 1999.

EL HISTORIADOR. Montoneros: El llanto para el enemigo. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/articulos/los_70/montoneros.php>. Acesso em: 22 de maio de 2016.

FORTES, Leandro. *Jornalismo investigativo*. São Paulo: Contexto, 2005.



FRANÇA, Inácio. *Operação Massacre*. Disponível em: <<http://www.caotico.com.br/operacao-massacre-agora-a-opinio-do-editor/>>. Acesso em: 6 de novembro de 2015.

GALASSO, Norberto. La Revolución Libertadora. In: *Cuadernos para la otra histo-ria*. Centro Cultural "Enrique S. Discépolo", Buenos Aires, p. 1-28.

GAY, Peter. *Represálias Selvagens: Realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LA NACIÓN. *Reparación a familiares de los fusilados de 1956*. Buenos Aires, 24/mar/1999. Disponível em: <<http://lanacion.com.ar/132361-reparacion-a-familiares-de-los-fusilados-en-1956>>. Acesso em: 13 de junho de 2016.

LUNA, Félix. *Fracturas y continuidades en la Historia Argentina*. Editorial Sudame-ricana, 1992.

MALLOY, Letícia. Narrativas do trauma e da memória: reflexões sobre "Carta a Vicki" e "Carta a meus amigos", de Rodolfo Walsh. *Revista Eletrônica Literatura e Auto-ritarismo*: Dossiê Imagem e memória, jan/2012.

SÁNCHEZ, Ana María Amar. La ficción del testimonio. *Revista iberoamericana*, v. 56, n. 151, p. 447-461, 1990.

VIEIRA, M. et. al. *A pesquisa em História*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

WALSH, Rodolfo. *Operação Massacre*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

* Mestranda em História pela Universidade Federal de Uberlândia (INHIS/UFU). E-mail: <mirela.bansi@gmail.com>.

¹ A FAP teve uma aparição pública em 1968, em uma fracassada ação de guerrilha em Taco Ralo, Tucumán. Era um pequeno grupo na época e seu objetivo era começar a realizar ações de propaganda armada para mobilizar o povo peronista. Depois em 1970 o grupo se organizou novamente em ações de guerrilha, mas em 1971 sofreu uma divisão e uma parte se integrou aos *montoneros*.